

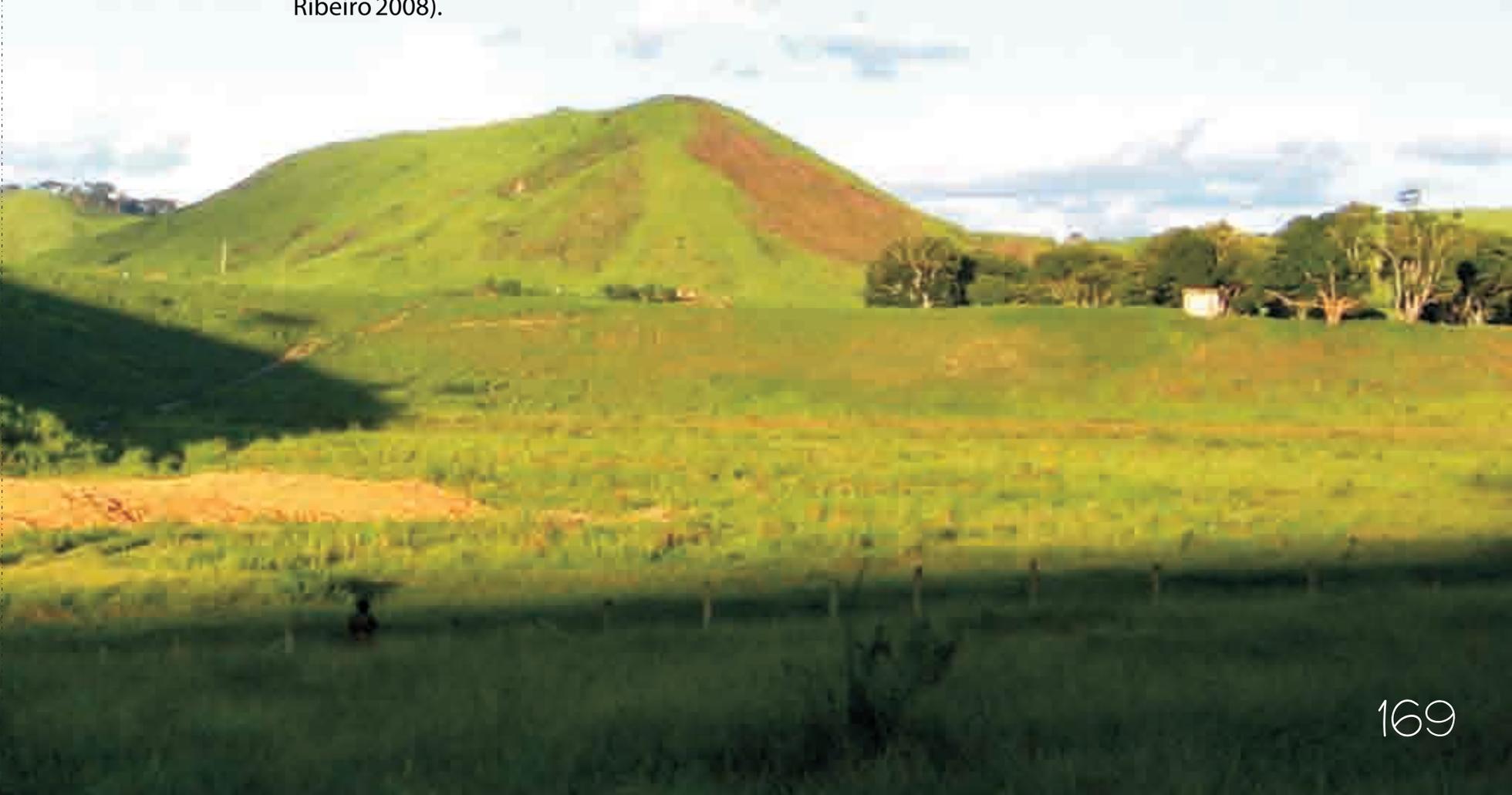
**FRAGMENTOS DE FLORESTA  
E CONEXÕES TIKMŪ'ŪN:  
PEQUENA HISTÓRIA  
DE UMA PESQUISA INDÍGENA**



Longe ficou o tempo em que a Mata Atlântica, com o seu mosaico de ecossistemas intercomunicados, cobria todo o litoral brasileiro, desde o sul até o nordeste. Hoje, apenas 7% dessa área permanece coberta de florestas e é considerada como o segundo bioma mais ameaçado no planeta (ISA 2008), pelo altíssimo número de espécies já extintas e em vias de extinção. Sabemos que o Brasil cresceu baseado em uma radical transformação das florestas em fazendas, áreas de exploração mineradora, estradas, povoados, cidades e barragens. Romper a trama de relações das florestas, suas gentes, seus espíritos, cores e cantos, virou um destrutivo costume, no Brasil.

Hoje, não muito longe daquelas praias próximas a Porto Seguro, que viram os primeiros homens brancos chegar, cerca de 1300 Maxakali (autodenominados Tikmu'un) continuam habitando, cantando, crescendo e procurando novas formas de expressão-extensão de sua cultura em uma crescente produção de livros e filmes.

Os antepassados dos Tikmu'un remetem-se a um conjunto indeterminado de bandos seminômades que percorriam extensas regiões entre o litoral Atlântico, serra do mar e algumas áreas de cerrado, onde agora são os Estados da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, pelo menos. Com certeza, só uma estratégia vencedora pode ter sido a responsável por tanta persistência perante a força e o volume colonizadores nestas regiões. Uma guerra constante – pelo menos na sua forma latente de tensão e hostilidade -, muita mobilidade, diferentes alianças e articulações políticas, muita astúcia (e um tanto de sorte) explicam alguns traços dessa estratégia (Paraíso 1994, Vieira 2006, Ribeiro 2008).



Mas o seu traço mais importante e característico, aquele que contagia os Tikmu'un com sua força e alegria, é a contínua visita dos conjuntos de “povos-espírito” às aldeias: morcegos-espírito, gaviões-espírito, papagaios-espírito, antas-espírito, entre outras multiplicidades, animam o passo do tempo naquelas aldeias rodeadas de capim colonião e cercadas de fazendas.

Os Tikmu'un estão marcados pelos yamiyxop. Yamiyxop é uma dessas presenças que resistem até à tradução, pelo menos a uma tradução que dê conta da toda sua potência e vitalidade. Também de todo seu perigo. A tradução dos yamiyxop se dá de várias formas, em português: 'Religião' e 'fazer religião', 'espíritos', 'corpo-espíritos', 'espíritos do canto', são algumas delas.

Quando yamiyxop se aproxima, em conjunto e de forma controlada (Alvares 1992), à aldeia, é o momento do ritual. Transcorrem-se às vezes horas, e às vezes dias inteiros de detalhados e belos repertórios de cantos: cantos do morcego-espírito, cantos do gavião-espírito (ver Tugny 2009a, 2009b), da anta-espírito, ou do macaco-espírito, papagaios-espírito, yamiy, yamiyhex, koatkuphi, kômãyxop.

A proximidade com os yamiyxop delata-se na pele, que brilha com urucum, tintas artificiais ou lama, nos seus chapéus de folhas e panos coloridos nas cabeças, nos estados alterados que vêm com a música. Os yamiyxop não só marcam os corpos, como os constituem como sua própria moradia “Os yamiyxop viviam dentro da mata. Quando os Tikmu'un conheceram os yamiyxop, os yamiyxop passaram a viver dentro dos cabelos dos Tikmu'un. Onde os Tikmu'un vão, os yamiyxop vão juntos” (Maxakali et.al. 2008:131).

Escondidos num canto do vale do Mucuri, sobrepostos aos municípios de Santa Helena de Minas e Bertópolis (MG), estão delineados pouco mais de 5000 hectares de capim colonião com minúsculos fragmentos de floresta. É neste espaço, a Terra Indígena difere, há muitas gerações, daquela floresta invisível que se aproxima nos dias de festa: A grande floresta – mimãti xeka – virou história.



Um dos ensinamentos que nos deixa a pesquisa que João Bidé, Joviel, Zezinho, Gilmar, Zelito, Ismail e Laudelino Maxakali se dispuseram a fazer no seu percurso pela UFMG, diz respeito ao modo como eles, enquanto professores, reinventam novas formas para intensificar a sua aproximação com mimãti xeka: esta floresta dos sonhos, das histórias, da morada e fonte dos yamiy, da alimentação, remédios e águas limpas, e também aquela dos projetos e da política com os não índios. Os yamiyxop (deveria dizer espíritos? cantos? rituais?) nomeiam animais, seus gestos, movimentos, forças, potências, levezas, revelam subjetividades que pulam de um ponto de vista a outro incessantemente. Pássaros, insetos, répteis, mamíferos, de todas as cores e tamanhos, continuam deixando a sua marca nos Tikmu'un; estes continuam se relacionando com as potências dos seres que nós, da cidade, não conseguimos ver.

A falta de floresta, portanto, de rios limpos, pesca e caça suficientes, e sua importância para a reprodução cultural dos Maxakali, tem sido eixo central das campanhas pela demarcação de seus territórios; igualmente, o reflorestamento é eixo central de vários projetos e programas de instituições como a Funai, Funasa, Cimi, e parceiros de diferentes universidades. A grande floresta, portanto, por diversos motivos, e de diferentes formas, ainda que fundamentalmente imaterial, é muito presente na vida Tikmu'un.

Virou história porque é coisa do passado. Virou história porque pensar no seu afastamento, para os Tikmu'un, é percorrer os relatos das famílias, lembrar de algumas caçadas memoráveis - e dos rituais que se seguiram; é voltar no tempo e se afastar no espaço, ultrapassando os estritos limites do seu território demarcado atual. Se mimãti xeka virou história, o tempo da floresta e o tempo do mito se encontram, nos ensinamentos dos velhos, na praça de dança, mas também, e com muita frequência, na sua relação com o Estado.



